

**RISCOS ASSOCIADOS AO USO DE PLANTAS MEDICINAIS DURANTE A
GESTAÇÃO: REVISÃO NARRATIVA**

Camila Saemi Hashimoto (camila.hashimoto064@academico.ufgd.edu.br)

Rayssa Cabral Costa (rayssaacc@gmail.com)

Marina Dalla Bernardina Casotte (marina.casotte101@academico.ufgd.edu.br)

*Nathalia Febo do Nascimento
(nathalia.nascimento071@academico.ufgd.edu.br)*

*Renata Eduarda Nunes do Nascimento
(renata.nascimento427@academico.ufgd.edu.br)*

Lavinia Almeida Muller (laviniamuller@hotmail.com)

Desde os primórdios da história humana, a medicina tradicional tem registrado o uso de medicamentos à base de plantas para lidar com desafios e complexidades durante a gravidez e lactação. Porém, o uso de plantas medicinais somado à falta de conhecimento sobre as suas propriedades fitoquímicas e à comunicação insuficiente com os profissionais de saúde podem levar a graves comorbidades materno-fetais, ao longo da gestação. Objetivos: Discutir os riscos do uso de plantas medicinais durante o período gestacional. Metodologia: Revisão narrativa com buscas bibliográficas nas bases de dados PubMed e Scielo, por meio da conjugação dos descritores “medicinal plants” e “pregnancy”, em inglês e português, com filtro para os últimos 10 anos. Resultados: O uso de plantas medicinais por gestantes pode trazer efeitos incertos durante a gestação ou resultar em complicações graves para o feto e para a mãe, uma vez que diversas espécies apresentam sinais de toxicidade, tais como aumento da morbidade materna, teratogenicidade, parto prematuro precoce, abortos, intoxicação por metais pesados, morte fetal, entre outros. A exemplo disso, a espécie *Aristolochia triangularis*, que se destaca no bioma do cerrado brasileiro, tem sido amplamente utilizada para tratar diversas afecções de saúde, como quadros inflamatórios, doenças de pele, problemas gastrointestinais, febre, convulsões, diabetes, além de apresentar efeito diurético, analgésico, cicatrizante e antiofídico. Contudo, estudos passaram a

X ENEPEX / XIV EPEX-UEMS E XVIII ENEPE-UFGD 2024

descrever a interferência de diversas espécies do gênero *Aristolochia* na saúde materna e no desenvolvimento embrionário e fetal, apontando capacidade emenagoga, abortiva e nefrotóxica, relacionadas a ação citotóxica do ácido aristolóquico que está presente em sua composição. Conclusões: Percebe-se que o uso de plantas medicinais durante a gravidez, embora seja uma tradição enraizada em diversas culturas, apresenta riscos significativos ao feto devido à falta de conhecimento sobre as propriedades fitoquímicas e do impacto destas na evolução embrionária. Os potenciais efeitos teratogênicos e as complicações materno-fetais, destacam a necessidade urgente de mais pesquisas nessa área. Em virtude disso, estudos complementares e ensaios toxicológicos são essenciais para melhor compreender benefícios e malefícios dessas substâncias e em até que grau são seguras e agregam positivamente aos períodos de gestação e amamentação, visando promover saúde e bem-estar. Ademais, todos os profissionais da saúde que acompanham gestantes e lactantes devem enfatizar os riscos do uso de plantas e produtos fitoterápicos sem indicação e assistência de um profissional habilitado, reforçando também a necessidade de ações educativas em saúde para essa população. AGRADECIMENTOS: Sinceros agradecimentos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) e Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT) pelo apoio ao estudo.

Palavras-chave: gravidez; fitoterapia; toxicidade reprodutiva.